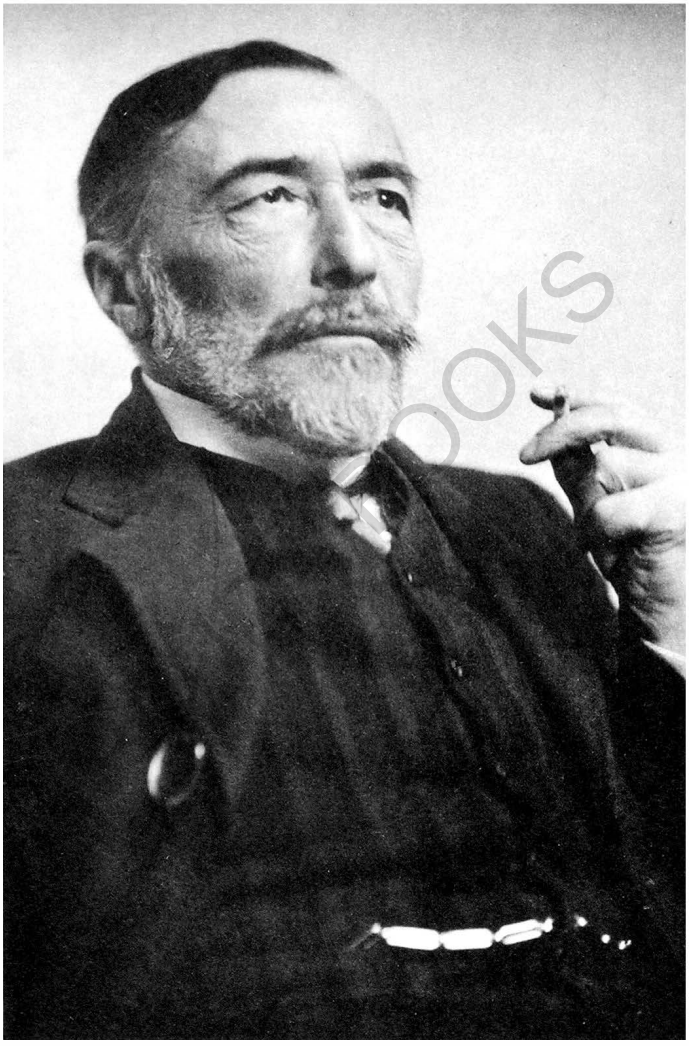

JO
CONR
PANDA BOOKS

SEPHAD

O CORAÇÃO DAS TREVAS

tradução de
MARIA CRISTINA GUIMARÃES CUPERTINO

apresentação e notas de
FÁTIMA MESQUITA

ilustração de
RAFAELA PASCOTTO

coordenação da edição
FERNANDO NUNO
SILVANA SALERNO

PANDA BOOKS

PANDA BOOKS

© **Panda Books**

Direção editorial **Marcelo Duarte e Patth Pachas**
Gerente editorial **Vanessa Sayuri Sawada**
Assistentes editoriais **Henrique Torres e Laís Cerullo**

Coordenação da edição **Fernando Nuno e Silvana Salerno**
Assistente de arte **Elis Nunes**
Design **Casa Rex**
Ilustração **Rafaela Pascotto**
Tradução **Maria Cristina Guimarães Cupertino**
Revisão de tradução **Ana Tereza Clemente**
Preparação de texto **Capitu Escobar de Assis**
Revisão **Célia Regina Rodrigues de Lima e Valéria Sanalios**
Imagem p. 1 **Joseph Conrad, 1916 © Alvin Langdon Coburn/ The New York Public Library Digital Collections**
Impressão **Ipsis**

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

C764c
Conrad, Joseph, 1857-1924
O coração das trevas/ Joseph Conrad; tradução Maria Cristina Guimarães Cupertino; apresentação e notas Fátima Mesquita; ilustração Rafaela Pascotto; coordenação da edição Fernando Nuno Silvana Salerno. – 1. ed. – São Paulo: Panda Books, 2026. il.; 23 cm.

Tradução de: *Heart of Darkness*
ISBN: 978-65-5697-324-1

1. Ficção inglesa. I. Cupertino, Maria Cristina Guimarães. II. Mesquita, Fátima. III. Pascotto, Rafaela. IV. Salerno, Fernando Nuno Silvana. V. Título.

26-103478.0

CDD: 823
CDU: 82-3(410.1)

Carla Rosa Martins Gonçalves – Bibliotecária – CRB-7/4782

2026

Todos os direitos reservados à Panda Books.

Um selo da Editora Original Ltda.
Rua Henrique Schaumann, 286, cj. 41
05413-010 – São Paulo, SP
Tel./Fax: (11) 3088-8444
edoriginal@pandabooks.com.br | www.pandabooks.com.br
Visite nosso Instagram e Tiktok.

Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida por qualquer meio ou forma sem a prévia autorização da Editora Original Ltda. A violação dos direitos autorais é crime estabelecido na Lei nº 9.610/98 e punido pelo artigo 184 do Código Penal.

PANDA BOOKS


PANDA BOOKS

APRESENTAÇÃO p. 9

MAPA DE PERSONAGENS p. 136

BIOGRAFIAS p. 138

PANDA BOOKS

I p. 17
II p. 63
III p. 101

PANDA BOOKS

PANDA BOOKS

APRESENTAÇÃO

SOPA IMORTAL DE LETRINHAS NÍVEL HIGHLANDER MASTER

Então, aqui está você, decidida(o) — ou ao menos tentada(o) — a ler um clássico, um conjunto de palavras e ideias que um belo dia saiu da cabeça de uma escritora ou de um escritor e que vem vindo, ano após ano, enredando leitores de todo tipo, de toda idade, de toda língua, de toda natureza. O que você tem nas mãos — se liga — já é só por isso um tesouro, porque, quando você mergulha na trama e no drama de um clássico, está participando de uma experiência coletiva inacreditável. Sente o poder?

Pois os clássicos são isso mesmo: são puro poder. Eles são o que fica, o que não se apaga, não se deleta, e a gente logo detecta que, vira e mexe, eles se esticam, crescem, muitas vezes virando filme, influenciando novos autores, roteiristas, letristas de música, poetas, autores de novelas, conversas de boteco e muito mais — sim, porque às vezes eles influenciam até a maneira como a gente vê o mundo, como se comporta nele... É um poder cósmico e concentrado aí numa sopa imortal de letrinhas nível *highlander master*! Bora encarar?

Ah, eu entendo. Às vezes a linguagem é tão estranha que a gente tropeça e cai de boca na preguiça. Outras vezes, o desânimo vem de trechos de descrição sem fim, ou uma cuspição de referências que cansam, umas trancas chatas, viu? E é verdade: tem uns períodos do passado escrito da nossa história em que as pessoas pareciam bater palma e passar pano direto pra isso na literatura.

PANDA BOOKS

Mas imagino cá com minhas teclas que você tenha uma cabeça aberta, certo? Então, escancara mesmo, se deixe levar por países, cidades, tempos, costumes, leis, tradições, sabores e amores tão distantes da gente, mas tão pertinho da nossa humanidade. Se larga aí num canto gostoso, se esparrama num sofá, ou cava espaço no aperto do trem, no sacolejo do ônibus, na zoeira do metrô e mergulha no clássicão que aqui está. Você irá automaticamente adentrar uma *rave* de milhões de almas, de agora e do passado, que já curtiram o que você está prestes a decodificar neste instante. E deixe com os beques aqui a defesa da sua sanidade, porque a gente incluiu nestas páginas uma montanha de comentários que vão facilitar sua leitura, esclarecendo palavras, revelando contextos e tretas variadas — e várias vezes até abrindo novas portas para outras curiosidades que têm a ver com a história. E tudo isso com um bom humor danado! Então seja bem-vinda(o) à nossa coleção de clássicos internacionais: mete os peitos, *pow*!

PANDA BOOKS

OS KORZENIOWSKI E UM PAÍS DELETADO

Entre 1795 e 1918, a Polônia não existiu. Uma série de invasões e jogadas políticas de poderosos da região acabou deletando o país do mapa. E foi bem nessa época que nasceu, no último mês de 1857, o nosso Józef Teodor Konrad Korzeniowski, filho único do Seu Apollo, um ativista que lutava contra a invasão da sua pátria pelo Império Russo.

O poeta, dramaturgo e tradutor literário pai do Joseph acabou deportado para os confins do norte russo com a família a tiracolo, justamente por conta das suas atividades políticas contra o império invasor. E, nesse exílio gelado, dona Ewelina, que também atendia pelo apelido de Ewa, não aguentou o castigo imposto ao trio, morrendo de tuberculose quando seu filhote tinha apenas uns 7 anos de idade. Aliás, com o pai não foi muito diferente: a tuberculose o matou poucos anos mais tarde.

TADEUSZ, TEKLA E MARSELHA

A sorte do pequeno Korzeniowski foi a existência de um irmão da mãe, Tadeusz Bobrowski, um advogado endinheirado que morava em Cracóvia e fez de um tudo para que o sobrinho se desse bem na vida. Só que o Joseph, naquela altura, estava na levada de rebeldia adolescente, né? Não dava nem tchuns para o estudo e ainda se meteu numa confusão amorosa com uma parenta dele, a Tekla Soroczynska. Além disso, como era, tecnicamente, cidadão do Império Russo, corria o sério risco de ser obrigado a se alistar no exército deles. Pois tudo isso reunido fez o tio apoiar a ideia do rapaz de, aos 17 anos, se picar para Marselha, na França, para tentar a vida no mar.

Dali, bancado pelos cobres do Tadeusz, o jovem embarcou como passageiro para a Martinica, no Caribe. Ele tomou gosto, então, pelo chacoalho das águas salgadas e foi descolando posições pagas em outras viagens. De repente, já tinha mesmo carreira como marinheiro, num vai e vem que durou mais de vinte anos pelo mundo afora e que se tornou um combustível poderoso para o talento do Joseph: ele criou assim uma literatura única, forte, com um pé na canoa do Realismo e o outro na canoa futurística do Modernismo.

PANDA BOOKS

UM "METAMORFO"

Certo: a palavra "metamorfo" não existe. Mas devia existir e ser dedicada ao autor deste livro aqui. Afinal de contas, o cara fez uma metamorfose extra G tendo como ponto de partida um Józef Korzeniowski que só falava um pouco mais que *tanque iú* em inglês no começo dos seus 20 anos, mas que se transformou de uma maneira fantástica em um cidadão britânico conhecido como Joseph Conrad no planeta todo. Um Joseph autor clássico da língua inglesa que ainda hoje, pra lá de um século depois da morte dele, continua influente e potente ao cubo.

O primeiro romance desse *metamorfo* saiu em 1895, com dedicatória para o tio Tadeusz, que havia morrido no ano anterior. O livro era *A loucura do Almayer* e marcou a estreia

do nome artístico do Józef, que, no entanto, nunca chegou a mudar sua papelada oficial na burocracia de país algum.

Almayer foi também o pontapé inicial num mundaréu de publicações em que ganham destaque os romances *Lorde Jim*, de 1900, *Nostromo*, de 1904, *O agente secreto*, de 1907, *Sob os olhos do Ocidente*, de 1911, e este volume aqui, *Coração das trevas*, uma novela que saiu primeiro em 1899, como uma série dividida em três partes, numa revista escocesa apelidada de *Maga*, mas impressa com o título mais pomposo de *Blackwood's Edinburgh Magazine*.

A DATILÓGRAFA E O HIPOCONDRÍACO

Conrad se casou em 1896 com Jessie George, uma moça católica como ele, dezesseis anos mais nova e de uma família de classe média baixa do sul da Inglaterra, e com ela teve dois filhos. Durante os seus 28 anos de vida em comum, ela foi a datilógrafa do que ele escrevia a mão no meio do caos daquela vida de orçamento sempre apertado. A primeira trégua nas finanças veio só em 1910, quando o autor foi agraciado com uma pensão especial em reconhecimento à sua contribuição artística. Mas a virada veio mesmo foi três anos depois, com a publicação de *A força do Acaso ou Chance*. É que até então o Conrad era sucesso de crítica, mas vendia bem mais ou menos. Só que, com o sucesso do título de 1913, os outros livros dele passaram a vender mais, finalmente dando uma recheada no esquálido cofrinho do Seu Conrad.

Mesmo assim, nada nunca foi bolinho de festa para o Joseph. O cara era um estressado de mão cheia, um traumatizado que misturava hipocondria com um reumatismo muito real e que tinha um temperamento considerado, digamos, difícil. Ele já havia tentado o suicídio quando jovem e virava e mexia sofria colapsos nervosos. Tinha ainda suas fortes convicções políticas, o que incluía um ódio de vida inteira por tudo o que fosse russo e a sua recusa não só a cinco títulos universitários oferecidos a ele por instituições britânicas, como também ao título de cavaleiro da rainha, a maior honraria do Reino Unido, em 1924.

PAIDA BOOKS

Cerca de um ano depois desse NÃO oficial ao poder *British*, Joseph morria, aos 67 anos, vítima de um ataque cardíaco em sua casa.

ENCARANDO O DEMO

Em suas navegânças, Conrad viu muita coisa. Mas em uma viagem em particular ele deu de cara com o que ninguém em sã consciência queria ver nem reconhecer: a brutalidade total e destrutiva do colonialismo europeu em ação — e como o sistema imperialista degradava até o ser humano branquinho e cheio de si que perpetrava aquilo tudo sobre outros seres humanos.

Aí chegou uma hora em que o autor teve a oportunidade de ir mesmo capitanear um barco nas águas do rio Congo. Aquilo era um sonho antigo do Conrad: conhecer aquela área que ainda estava sendo mapeada. A região, na época, estava nas mãos do rei da Bélgica, o Leopoldo II, um sujeito que entrou para a história como o pior de todos os tais colonizadores europeus — com o seu pseudofilantropismo, Leopoldo ficou famoso por aplicar um sistema de controle da população local que praticava o corte de pés e mãos de quem não cumprisse suas cotas (absurdas!) de extração de borracha ou marfim.

Aquela experiência escravocrata no coração da África cortou o coração do Conrad em tirinhas, levando-o a pegar as suas anotações de viagem para verter tudo no papel e compor este clássico que você está prestes a ler.

SEGUE O FIO

Neste livro, seguimos o fio da narrativa de um sujeito que a gente mal sabe quem é e que reconta o que ouviu o marinheiro Marlow descrever quando um grupo de amigos estava meio que de bobeira, à noitinha, a bordo de um veleiro no Tâmisa. Charlie Marlow fala da felicidade de ter conseguido um trabalho no Congo e de como aquela sensação boa foi derretendo de um jeito horrível até virar raiva,

PANDA BOOKS

vergonha, tristeza, doença, indignação e loucura depois da chegada ao seu destino. Ele fala também da convivência com o nível de violência e exploração imposto à população local.

Já com os pés fincados no Congo, Marlow fica sabendo da existência de um tal Kurtz, que está no comando de uma unidade bem mais no interior e que é campeão de "produtividade" de marfim. A boataria diz que o cara está doente e meio doidão, e que é preciso ir lá no canto dele de barco ver qual é a real, porque há um temor de que Kurtz possa colocar todo o empreendimento comercial do Leopoldo II em perigo.

À medida que a embarcação avança, a jornada, os companheiros de viagem, a paisagem, os encontros com os nativos (descritos pelo autor de uma maneira comum à época, mas hoje claramente preconceituosa pra chuchu) e, enfim, o próprio encontro com Kurtz, revelam um buraco apocalíptico: uma trombada com uma face do bicho homem que é assustadora demais — aliás, aterradora e constante; basta ver que o diretor Francis Ford Coppola usou este *O coração das trevas* como inspiração para o seu filme *Apocalypse Now*, substituindo a selva africana e o imperialismo colonial pela floresta vietnamita invadida pelo imperialismo dos Estados Unidos na década de 1960. Coppola criou um megaclássico das telonas quando mostrou que o imperialismo, ao criar um apocalipse em qualquer tempo e lugar, é uma constante na história da humanidade.

E é isso: esse coração que você verá nas próximas páginas pulsa nervoso, intenso. Não é uma leitura que flui feito rio manso. Pelo contrário, é um exercício feito uma caminhada dentro de uma mata tropical fechada, onde é preciso desviar de obstáculos, dar passos com foco e propósito para então poder se deleitar com o espetáculo à sua frente, forte, majestoso, impactante.

PANDA BOOKS